

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE NA TRADUÇÃO DE "DIE KINDER ZU HAMELN", DE JACOB E WILHELM GRIMM

Marina Dupré Lobato

Orientadora: Mônica Maria Guimarães Savedra

Mestranda

Introdução

A língua alemã assume posição central na obra dos irmãos Grimm como um todo, fortemente vinculada à ideia de uma “identidade alemã”. Embora os autores estivessem cientes do caráter universal das narrativas populares, eles imprimiram e reforçaram muito da cultura e da história germânicas em suas versões, o que leva a crer que se trata de um esforço consciente. Essa consciência também pode ser constatada no próprio discurso dos irmãos, contidos em paratextos e cartas, bem como na autobiografia de Jacob Grimm.

Neste trabalho, procuramos realizar um levantamento teórico sobre os conceitos de cultura e identidade nas áreas da antropologia e da sociologia e suas relações com a língua, que serve como ponto de partida para a introdução dos estudos de “gramática e cultura contrastiva” (*Kulturkontrastive Grammatik*), como descrito por Traoré (2009), e da “análise da tradução”, como proposto por Berman (2007). Com o suporte desses autores, propomos relacionar, respectivamente, os “níveis linguístico-culturais específicos” (*sprachkulturspezifische Ebenen*) e as “tendências deformadoras da letra”. O resultado dessa interpretação serve como base para a análise de trechos da nossa tradução da lenda *Die Kinder zu Hameln* (GRIMM, 2011).

Definições de cultura e identidade

Como apresenta Wagner (2012), a palavra “cultura” [*culture*] tem origem no particípio passado do verbo latino *colere*, cujo significado, “cultivar”, estava inicialmente relacionado ao cultivo do solo, mas que, posteriormente, teve seu sentido ampliado para “um processo de procriação e refinamento progressivo na domesticação de um determinado cultivo, ou mesmo o resultado ou incremento de tal processo” (WAGNER, 2012, p. 76-77). O sentido “sala de ópera”, como denomina o autor, emerge de uma metáfora que faz uso do significado latino para se referir a um refinamento intelectual, de onde deriva o adjetivo “cultivado” [*cultured*]. A acepção antropológica surge de outro desdobramento metafórico, do sentido individual para o coletivo.

Laraia (2009), “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (LARAIA, 2009, p. 49). Nessa perspectiva, considera como “herança cultural” os valores, os diferentes comportamentos sociais, as expressões corporais e, sobretudo, as diferenças linguísticas compartilhados por um determinado grupo.

No que diz respeito à identidade, os estudos de Bauman e Hall tratam principalmente da identidade no âmbito do indivíduo. No entanto, também abordam questões sobre identidade nacional. O primeiro a considera uma ficção, algo inventado e não naturalmente surgido da experiência humana (BAUMAN, 2005, p. 21). De modo análogo, o segundo trata a cultura nacional, típica do estado moderno no ocidente, como um sistema de representação, e a identidade nacional, como uma “comunidade imaginada”, que se apoia em cinco estratégias discursivas principais: a “narrativa da nação”, que abrange os modos de expressão nacionais e representa experiências partilhadas; a crença na identidade nacional como primordial, como parte da natureza e cujos elementos que a constituem permanecem imutáveis no curso da história; a “tradição inventada”, ou seja, um conjunto de práticas que visam difundir determinados valores e normas comportamentais de origem supostamente histórica; o mito de fundação, a história que define tanto a origem da nação e do povo quanto seu caráter nacional; e, por fim, o discurso da pureza e da originalidade do povo (*folk*). Esses elementos criam uma falsa ideia de unidade (HALL, 2011, p. 51).

Woodward (2000) considera a identidade relacional, na medida em que depende de algo fora de si mesma para existir. Nesse sentido, a identidade de um indivíduo, grupo étnico

ou nação é determinada em oposição a outro indivíduo, grupo étnico ou nação, ou seja, a relação que se forma é a de “ser o que o outro não é” e vice-versa. Portanto, a identidade é marcada pela diferença.

O romantismo e a identidade alemã

O romantismo surge na Alemanha no fim do século XVIII e tem origem no pietismo, um ramo do luteranismo que privilegiava a vida espiritual intensa, praticava o estudo constante e minucioso da bíblia e enfatizava, acima de tudo, o relacionamento do indivíduo com Deus. Como sugere Berlin (1999, p. 79), a situação política conflitante e fragmentária do território germânico naquele momento histórico favorecia esse tipo de comportamento. No momento histórico em questão, após as invasões napoleônicas no início do século XIX, a atual Alemanha encontrava-se dividida entre o controle francês e o controle prussiano, o que explica a animosidade dirigida aos franceses e aos elementos culturais que os distinguiam:

[...] [O resultado foi um] ódio violento à França, a perucas, a meias de seda, a salões, à corrupção, a generais, a imperadores, a todas as grandes e magníficas figuras desse mundo, que eram simplesmente a encarnação da riqueza, da maldade e do diabo. Essa é a reação natural da parte de uma população piedosa e humilhada, e tem acontecido desde então também em outros lugares. É uma forma particular de anti-cultura, anti-intelectualismo, e xenofobia – a qual os alemães estavam, naquele momento em particular, especialmente inclinados. (BERLIN, 1999, p. 80-81, tradução nossa)

Berlin sugere que esse sentimento geral dos alemães no século XVIII e XIX é a grande raiz do romantismo. No entanto, outra questão emerge da análise do autor: o ponto de vista que oferecemos relaciona diretamente com a concepção de “identidade e diferença” proposta por Woodward. Sob essa perspectiva, é possível afirmar que ser alemão era não ser francês. Se os franceses eram racionais, os alemães eram irracionais; se os franceses eram mundanos e propensos à vida na corte, os alemães eram contemplativos e valorizavam a vida em meio à natureza etc.

Hall, por sua vez, discute a tendência, em alguns momentos históricos, das culturas nacionais se voltarem para um “tempo perdido”, um passado glorioso (HALL, 2011, p. 56-57). Em uma carta a Achim von Arnim, Jacob Grimm fala da *Naturpoesie* – a poesia “natural”,

do povo, a qual se incluem os contos populares e as lendas –, remetendo a pelo menos dois dos discursos narrativos tratados por Hall (2011) – o da pureza do povo e a do mito de fundação (*Das Niebelungenlied*), nesse caso, intimamente relacionado à língua alemã:

Literatura (*Poesie*) é aquilo que emana só da alma e se transforma em palavras. Assim ela *brot*a continuamente de um *impulso* natural e da habilidade de capturar este impulso – a literatura do povo (*Volks poesie*) emerge da alma de toda a comunidade. O que eu chamo literatura cultivada (*Kunst poesie*) emerge do indivíduo. É por isso que a nova literatura nomeia seus poetas; e a antiga não tem ninguém para nomear. Ela não foi feita por um, dois ou três, mas é a soma de toda a comunidade. Nós não podemos explicar como tudo convergiu e foi trazido à tona. Mas isso não é mais misterioso do que a maneira como *as águas se encontram em um rio para correrem juntas*. É inconcebível para mim que possa ter havido um Homero ou um autor dos Nibelungos... *A literatura antiga é completamente igual à língua antiga, simples e rica em si mesma. Na língua antiga não há nada além de palavras simples, mas elas são em si mesmas capazes de tão grandes reflexões e flexibilidade, que a língua realiza maravilhas*. A nova língua perdeu a inocência e se tornou mais rica por fora, mas isso através de síntese e coincidência, e, portanto, ela às vezes precisa de grande preparação para expressar uma simples frase... Portanto, eu vejo na literatura cultivada (*Kunst poesie*), ou como você quiser chamá-la, o que eu denomino como preparação, embora a palavra seja boa e não se refira a algo morto ou mecânico. Na literatura da natureza (*Natur poesie*), há algo que emana de si mesma. (GRIMM, 1812 *apud* ZIPES, 2002, p. 11, tradução nossa, grifos nossos)¹

Outros aspectos emanam do discurso de Jacob Grimm, como a oposição entre o “natural” e o “cultivado” (que é a diferença entre *Natur poesie* e *Kunst poesie*²), na acepção mais popular de “cultura”. É importante ressaltar que todas essas ideias são elaboradas em torno da língua – como herança cultural e maior expressão do povo – inclusive em sentido ativo, como portadora do próprio caráter desse povo – no caso, o povo alemão, que pode ser tomado pela língua: “simples”, mas capaz de “grande reflexão e flexibilidade”. Essa interpretação é possível em comparação a outros escritos semelhantes, como os encontrados na autobiografia de Jacob Grimm. No momento em que descreve sua vida de estudante em

¹ Tradução indireta, do inglês para o português.

² Cf. HERDER, 2015 [1773].

Marburg, por exemplo, Jacob reflete sobre o fato de o povo alemão ser pobre (simples), mas capaz de prosperar por meio do trabalho esforçado e caminhos não usuais (flexível):

Eu gostaria de generalizar ainda mais e afirmar que muito do que os alemães alcançaram de modo geral deve ser atribuído ao fato de não ser um povo rico. *Eles trabalham de baixo para cima e tem êxito ao seguir caminhos peculiares e não usuais enquanto outros povos caminham sobre uma avenida ampla e pavimentada.* (GRIMM, 2013 [1831], p. 14-15, tradução nossa, grifos nossos)

***Kulturkontrastive Grammatik* e estudos de tradução**

A partir dos estudos sobre cultura e identidade, é possível traçar paralelos entre a perspectiva da antropologia e dos estudos de tradução e da gramática contrastiva. Wagner (2012, p. 95) afirma que quando o antropólogo entra em contato com outra cultura e procura explicá-la, ele o faz nos termos de sua própria. E ao fazê-lo, torna a cultura estudada cada vez mais familiar, enquanto torna a sua cada vez mais estranha. Em um trabalho de tradução, talvez possamos dizer algo semelhante, pois a tradução sempre impõe uma “familiarização” forçada e inevitável à língua estrangeira, ao mesmo tempo em que provoca uma espécie de “distanciamento” da própria – a própria língua é “desnaturalizada” no intenso processo de busca de significados, tornados conscientes de uma maneira jamais possível no uso corriqueiro, “natural”.

É de modo semelhante que Traoré (2009, p. 40) apresenta a área dos estudos de gramática e cultura. Nesse sentido, o que importa para Traoré, no âmbito da gramática contrastiva, é saber identificar o que é próprio da língua enquanto estrutura, e o que é estranho enquanto particularidades. Em outras palavras, os fenômenos gramaticais dizem respeito não somente à forma, mas a especificidades linguístico-culturais que, por sua vez, estão intimamente relacionadas aos hábitos comunicativos de uma determinada comunidade de fala.

Tal perspectiva tem como principal referência a filosofia de Humboldt sobre a linguagem e a noção de *Weltanschauung*. Humboldt admitia, por um lado, o caráter universal do modo como as línguas se estruturam e, por outro, as diferenças entre elas resultantes das experiências de cada povo diante do mundo e da realidade. Essa “experiência do mundo”, a

cultura de um povo, é que determina o tipo de língua que ele possui, e a língua, por sua vez, é que determina a maneira como esse povo pensa (TRAORÉ, 2009, p. 18).

Traoré trata também do que denomina “níveis linguístico-culturais específicos” (*sprachkulturspezifische Ebenen*). Esses níveis são três: os níveis formais, os níveis de significado e os níveis funcionais. Os níveis formais estão relacionados à apreensão dos elementos estruturais da língua, sem a qual não é possível adquirir competência linguística. Os níveis de significado, dos significados por si mesmo, sem confundi-los com função e tomando-os independentemente do contexto. Já os níveis funcionais dizem respeito às diferenciações culturais propriamente ditas e suas funções, dentro de uma determinada comunidade de fala.

Berman (2007), por sua vez, critica a tradução pelo sentido ou pela “bela forma” e propõe uma “analítica da tradução” baseada no texto em prosa. Diante dessa perspectiva, o autor passa a tratar não no texto, mas de algo mais abrangente, o que denomina “letra”, que englobaria não somente o sentido e a forma, inseparáveis, mas “algo além do sentido”. Por esse motivo, ele critica as traduções por ele denominadas etnocêntricas. Sob essa perspectiva ele delimita e define o que denomina “tendências deformadoras da letra”:

Tendências deformadoras da letra	(BERMAN, 2007, p. 48-62)
Racionalização	Rearranjo das estruturas sintáticas, seqüências de frases e pontuação.
Clarificação	Tradução parafrásica, explicativa; passagem da polissemia para a monossemia.
Alongamento	Consequência da racionalização e da clarificação, o que torna a tradução maior que o original.
Enobrecimento	Realização de traduções belas; poetização (poesia) e “retoricização” (prosa).
Empobrecimento qualitativo	Substituição de termos icônicos por termos que não tem a riqueza sonora do original.
Empobrecimento quantitativo	Impossibilidade de tradução, ou desrespeito, das cadeias de significantes presentes no original.

Homogeneização	Tendência à unificação dos planos narrativos, resultante de todas as tendências acima.
Destruição dos ritmos	Desrespeito à multiplicidade de ritmos; alterações na pontuação, por exemplo, podem modifica-los.
Destruição das redes de significantes subjacentes	Destruição dos encadeamentos de significantes que formam redes sob a “superfície” do texto.
Destruição dos sistematismos	Desrespeito aos tipos de construção sintática, usos de tempos verbais etc.
Destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares	Apagamento das linguagens vernaculares do texto ou exotização das mesmas.
Destruição das locuções	Tradução de provérbios e expressões por equivalência de sentido.
Apagamento das superposições de línguas	Supressão das diferentes variedades linguísticas presentes no texto, pela língua padrão.

Tabela 1 – Tendências deformadoras da letra

Essas particularidades tratadas por Berman apontam as várias “dimensões/níveis” da tradução, que são, na verdade, as dimensões da própria língua. Apesar de Traoré tratar da língua em um contexto de aquisição de linguagem, é possível abarcar as tendências deformadoras de Berman no âmbito dos “níveis linguístico-culturais específicos”, agrupando-os da seguinte maneira:

Níveis linguístico-culturais	Tendências deformadoras da letra
Níveis formais	Racionalização; alongamento; homogeneização; destruição dos ritmos; destruição dos sistematismos.
Níveis de significado	Clarificação; empobrecimento quantitativo; destruição das locuções.
Níveis funcionais	Enobrecimento; empobrecimento qualitativo; destruição das redes de significantes subjacentes; destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares; apagamento das superposições de línguas.

Tabela 2 - Deformações dos níveis linguístico-culturais

No contexto da tradução, portanto, seria possível tratar de “deformações dos níveis linguístico-culturais”. Em termos semelhantes, pode-se dizer que é isso que Antoine Berman propõe em sua teoria, uma vez que expõe os mecanismos pelos quais o tradutor “naturaliza” o texto. Traoré, por sua vez, considera que ignorar os níveis linguístico-culturais propicia uma “familiarização com a distância” do aluno com a cultura de uma língua estrangeira. É também nessa linha que Berman defende a manutenção do “estranhamento” no texto traduzido e a realização de uma tradução “identificadora”.

Língua, cultura e identidade em tradução: *Die Kinder zu Hameln*

A escolha da lenda *Die Kinder zu Hameln* (GRIMM, 2011) foi feita a partir da constatação da inexistência de uma tradução para o português do Brasil, embora seja uma narrativa bastante conhecida do público brasileiro, ainda que por meio de adaptações. Esta lenda pertence à obra *Deutsche Sagen*, publicada originalmente em dois volumes (1816-1818). Diferente dos contos de fadas, onde espaço e tempo são indefinidos, as lendas apresentam local e data específicos, são narrativas que se assemelham a relatos históricos. A linguagem é parecida com a dos primeiros: predominância de verbos no *Präteritum*, vocabulário e recursos sintáticos simples.

De modo geral, tentamos manter a pontuação original, tentando não exagerar na racionalização e no alongamento, mas o mesmo tempo procurando respeitar o ritmo e os sistematismos do texto (níveis formais). Os topônimos também foram mantidos, com exceção de *Hameln* (Hamelin), que já possui tradução para o português e é amplamente conhecida. Algumas adaptações sintáticas foram naturalmente necessárias, mas poucas ofereceram dificuldade, já que o estilo da narrativa é simples – com períodos longos, mas formado por orações em ordem direta, ligadas por conjunções bastante comuns. A maior fonte de referência para a realização deste trabalho é o *Deutsches Wörterbuch* (DWB), o dicionário dos irmãos Grimm (2015).

O vocábulo *Rock* representou dificuldade, pois o significado atual, “saia”, claramente não corresponde ao significado no conto. Não foi possível encontrar uma tradução do sentido arcaico para português do que seria “uma peça de ‘roupa de cima’ (*oberkleid*) tanto masculina

como feminina”, como descrito no DWB (GRIMM, 2015). No entanto, encontramos uma tradução adequada justamente no DWB, do latim: “*m. tunica, toga, sagum, amiculum*” (GRIMM, 2015). Optamos por “túnica”, palavra que existe no português, também de sentido amplo, e que parece de acordo com uma vestimenta medieval. Pode-se dizer esta é uma tradução que atua no nível funcional. Segundo o dicionário Houaiss (2009, grifo nosso): “veste ger. longa, inteiriça e justa, com ou sem mangas, *us. por povos antigos*”.

De modo análogo, *Hemd*, também apresentou dificuldade. “Camisa”, seu significado corrente, é insuficiente. O DWB oferece, no entanto, outra acepção: “[...] designada por roupa de baixo, ao contrário da ‘roupa de cima’ (*unterkleid*)[...]” (GRIMM, 2015). Não encontramos uma palavra no português do Brasil que ofereça sentido semelhante, mas há no português de Portugal “camisola”, como definido pelo dicionário do Porto (2015): “peça do vestuário moldada ao tronco ou ao tronco e aos braços, usada por baixo de outra peça de roupa”.

Portanto, apesar da “camisola” de Portugal não corresponder a do Brasil, optamos por esse termo e pela possibilidade que oferece de causar estranhamento. A imagem de um menino vestindo uma peça de roupa feminina, uma “camisola de dormir”, remete a tempos antigos e consegue passar a imagem de uma corrida às pressas, do despreparo para sair na rua. Outra possibilidade seria “em mangas de camisa”, mas trata-se de um termo muito marcado, que, em todo caso, não corresponde a *im Hemd* – expressão que não encontramos como unidade de tradução em alemão.

Original em alemão	Tradução em português brasileiro
Ein Knäblein war im Hemd mitgelaufen und kehrte um, seinen Rock zu holen, wodurch es dem Unglück entgangen; denn als es zurückkam, waren die andern schon in der Grube eines Hügels, die noch gezeigt wird, verschwunden.	Um rapazinho correu de camisola e voltou para buscar sua túnica , desta forma escapando da desgraça; por esse motivo, quando retornou, as outras crianças já tinham desaparecido dentro da fenda de uma colina, que ainda pode ser identificada.

Tabela 3 – Escolhas de tradução

No que diz respeito a “dia de João e Paulo”, decidimos não fazer uma clarificação (nível do significado) e adicionar a palavra “são/santo”. Como o texto inclui a data em que

esses santos são comemorados, é fácil identifica-los e não confundi-los com os apóstolos. No entanto, por razões estruturais, um alongamento foi necessário para *-tag* (dia), traduzido como “dia de”:

Original em alemão	Tradução em português brasileiro
Am 26. Juni auf Johannis- und Paulitag , morgens früh sieben Uhr, nach andern zu Mittag, erschien er wieder, jetzt in Gestalt eines Jägers, erschrecklichen Angesichts, mit einem roten, wunderlichen Hut, und ließ seine Pfeife in den Gassen hören.	Em 26 de junho, no dia de João e Paulo , cedo pela manhã, às sete horas, ou ao meio-dia, de acordo com alguns, ele reapareceu, agora vestido de caçador, com semblante sombrio e um esquisito chapéu vermelho, fazendo com que sua flauta fosse ouvida pelas ruas.

Tabela 4 – Escolhas de tradução

Conclusão

O que resulta claro deste trabalho é a constatação do fato de a identidade ser um fator recorrente na obra dos irmãos Grimm como um todo e de a língua assumir uma posição central nessa questão. Resta evidente que um trabalho de tradução dos contos e lendas dos Grimm exige atenção no trato com os elementos culturais que emergem dessas narrativas, que, embora sejam universais, como se deram conta os próprios Grimm posteriormente, carregam em si muito da cultura, da identidade e da história alemãs.

Da mesma forma, levando em conta o pensamento dos autores e a teoria da tradução adotada, é preciso ter em mente que o estilo dos irmãos Grimm não é “livre”, mas fortemente pautado pelas concepções que tinham sobre a “antiga” língua alemã. Portanto, o uso de palavras e construções sintáticas simples, a escolha de determinados termos em detrimento de outros, o uso de variedades e dialetos de base germânica etc., devem ser respeitados dentro das possibilidades de tradução, ou seja, é preciso atentar para os níveis linguístico-culturais específicos presentes no texto.

REFERÊNCIAS

AULETE. *iDicionário Aulete*. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/>>. Último acesso em 06/08/2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* (e-book). Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERLIN, Isaiah. *The Roots of Romanticism* (e-book). New Jersey: Princeton University Press, 1999.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Trad. Vários. Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.

DUDEN. *Duden Online*. Disponível em <<http://www.duden.de/>>. Último acesso em 06/08/2015.

GRIMM, Jacob und Wilhelm. *Grimms Märchen: Vollständige Ausgabe*. Köln: Anaconda, 2009.

_____. *Deutsche Sagen*. Köln: Anaconda, 2011.

_____. *Deutsches Wörterbuch*. Disponível em <<http://woerterbuchnetz.de/DWB/>>. Último acesso em 06/08/15.

GRIMM, Jacob. Selbstbiographie. In: _____, *Werke von Jacob Grimm* (e-book). Die PerfekteBibliothek, 2013 [1831].

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HERDER, Johann Gottfried von. *Auszug aus einem Briefwechsel über Ossian und die Lieder alter Völker*. Disponível em <http://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1773_herder.html>. Último acesso em 06/08/2015 [1773].

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (versão 2009.3), 2009.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico* (e-book). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PORTO. *Dicionário da língua portuguesa*. Disponível em <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/>>. Último acesso em 06/08/2015.

TRAORÉ, S. Zur Grundlegung einer Kulturkontrastiven Grammatik. In: GÖTZE, L.; MÜLLER-LIU, P.; TRAORÉ, S. (Hrsg.), *Kulturkontrastive Grammatik – Konzepte und Methoden*. Fankfurt am Main: Peter Lang, 2009.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 7-72.

ZIPES, Jack. *The Brothers Grimm: From Enchanted Forests to the Modern World*. New York: Palgrave Macmillan, 2002.